

O PAPEL PEDAGÓGICO DAS ILUSTRAÇÕES DE *LIVRO DAS CRIANÇAS*, DE ZALINA ROLIM, E *POESIAS INFANTIS*, DE OLAVO BILAC

Ana Paula Serafim Marques da Silva; Valnikson Viana de Oliveira; Daniela Maria Segabinazi

Universidade Federal da Paraíba - UFPB, anapaulasms0108@gmail.com; Universidade Federal da Paraíba - UFPB, valnikson18@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba - UFPB, dani.segabinazi@gmail.com.

Resumo: As imagens caracterizam recursos bastante relevantes à elaboração de qualquer publicação voltada ao pequeno leitor ou à sua instrução elementar. No caso dos livros de leitura adotados pelas escolas brasileiras no final do século XIX e início do século XX, as ilustrações cumpriam funções específicas que convergiam com a intenção pedagógica dos textos ligados à alfabetização e à inserção na cultura letrada. Nesta perspectiva, propomos realizar uma leitura das gravuras que compõem duas coletâneas poéticas bastante representativas do período: *Livro das Crianças* (1897), da escritora e educadora paulista Zalina Rolim, e *Poesias Infantis* (1916 [1904]), do escritor carioca Olavo Bilac, obras integrantes do processo de renovação do ensino propagado durante a implantação da Primeira República no país. Preocupamo-nos, mais especificamente, em mostrar de que maneira as ilustrações representavam, junto aos versos, a valorização dos estudos e o ensino das primeiras letras, destacando sua relação direta com a formação virtuosa das crianças, trazendo novas perspectivas de leitura ou acrescentando ideias que as poesias apenas deixavam implícito. Apresentando estilo de clara influência dos impressos europeus, as imagens presentes nos volumes, à primeira vista apenas voltadas para uma ornamentação estritamente descritiva, estariam aparentemente ligadas à memorização do conteúdo dos escritos, corroborando para a propagação de seus valores morais e representações sociais. Para embasar o nosso trabalho, nos valem principalmente dos apontamentos de Camargo (1995, 1999), Coelho (1991), Carvalho (1990), Costella (2006) e Lajolo (1982), compreendendo o material visual dos compêndios a partir do seu contexto de produção, também levando em consideração seu direcionamento infantil.

Palavras-chave: Zalina Rolim, Olavo Bilac, Ilustração, Poesia Infantil, Educação.

Introdução

A ilustração, definida por Camargo (1995, p. 16) como “toda imagem que acompanha um texto”, mais que um mero enfeite, caracteriza recurso bastante relevante à elaboração de qualquer publicação voltada ao pequeno leitor ou à sua instrução inicial. Analisar obras infantis e desconsiderar esses elementos visuais que fazem parte do projeto gráfico dos livros significa deixar de observar importantes artifícios de leitura vinculados a uma determinada época. No contexto brasileiro, as ilustrações dos livros de leitura adotados pelas escolas no final do século XIX e início do século XX cumpriam funções específicas que convergiam com a intenção pedagógica dos textos ligados à alfabetização e à inserção na cultura letrada. Os recursos ilustrativos, que acompanham os versos de tais compêndios, puderam contribuir para o deleite e sedução do pequeno leitor.

Nesta perspectiva, propomos analisar as gravuras que compõem as coletâneas poéticas *Livro das Crianças* (1897), de Zalina Rolim, e *Poesias Infantis* (1916 [1904]), de Olavo Bilac, obras integrantes do processo de renovação do ensino propagado durante a implantação da Primeira República no país. Pretendemos averiguar, mais especificamente, de que maneira as ilustrações representavam, junto aos versos, a valorização dos estudos e o ensino das primeiras letras, destacando sua relação direta com a formação virtuosa das crianças, trazendo novas perspectivas de leitura ou acrescentando ideias que as poesias apenas deixavam implícito. Apresentando estilo de clara influência dos impressos europeus, as imagens presentes nos volumes, à primeira vista apenas voltadas para uma ornamentação estritamente descritiva, estariam aparentemente ligadas à memorização do conteúdo dos escritos, corroborando para a propagação de seus valores morais e representações sociais.

A escolha desses livros de leituras não foi aleatória: os versos e as ilustrações que as compõem revelam uma memória da infância no período entresséculos, além de expressar simbolicamente os valores dominantes dessas épocas. Ademais, as obras podem ser entendidas como integrantes do processo de renovação do ensino propagado durante a implantação do regime republicano brasileiro, constituindo evidências da criação literária infantil dentro do sistema cultural daquele tempo. Um trabalho que recupere estas publicações infantis como construção literária e pedagógica, abordando elementos verbais e não verbais, pode contribuir para os estudos sobre a leitura, o ensino e a produção da literatura infantil no Brasil, também fornecendo relevante material crítico sobre Zalina Rolim e Olavo Bilac.

As fontes de nosso trabalho se inserem num momento de grandes transformações políticas, sociais e culturais. O vínculo entre a literatura infantil e a educação visava validar a instituição republicana, garantindo sua permanência dentro da organização social. A crescente oportunidade financeira fez com que o número de escritores aumentasse cada vez mais, o que segundo Zilberman (2005, p. 35), “[...] conferiu consistência e durabilidade à literatura destinada às crianças do Brasil”. Muitos desses autores voltados ao público infantil receberam do estado o apoio necessário a quem produz literatura em um país cuja maior parte da população ainda era analfabeta.

A escritora e educadora paulista Zalina Rolim (1869-1961), colaborou para diversos periódicos oitocentistas, lançando seu primeiro livro, *O Coração*, em 1893, compêndio que já apresentava alguns versos infantis. Tornou-se subinspetora do Jardim da Infância, anexo à Escola Normal Caetano de Campos, na capital paulista, onde trabalhou durante quatro anos, de 1896 a 1900, também contribuindo com traduções,

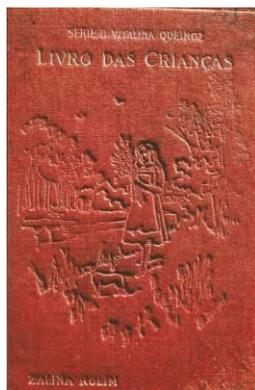


adaptações e produções originais de pedagogia, ficção e poesia para a *Revista do Jardim da Infância*. Já Olavo Bilac (1865-1918), poeta e educador fluminense, foi um dos escritores mais difundidos no Brasil do entresséculos, produzindo uma vasta literatura escolar para o público infantil, destacando-se as obras em coautoria com Colho Neto (1864-1934) e Manuel Bonfim (1868-1932).

O arranjo visual de *Livro das Crianças e Poesias Infantis*

A análise de livros infantis começa a partir da capa que, indiscutivelmente, é uma parte significativa na constituição de qualquer obra voltada ao pequeno leitor. Segundo Powers (2008), a capa cumpre um importante papel no processo de envolvimento físico entre a criança e o livro, pois o define como objeto a ser apanhado, deixado de lado ou conservado ao longo do tempo.

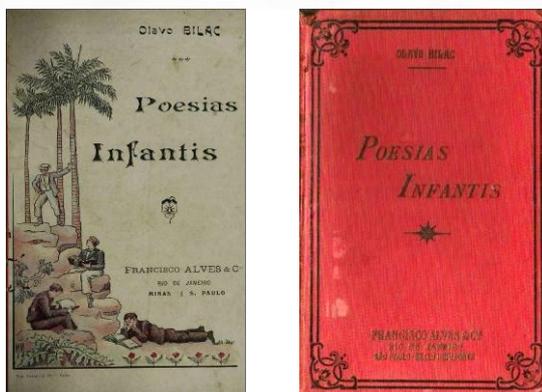
Conforme Dantas (1983), a obra *Livro das Crianças* (1897) apresentava capa encadernada em tecido nas cores grená ou verde. Nela constava o nome da autora e da obra, a indicação de que o livro pertencia à série *D. Vitalina Queiroz*, além da gravação de uma imagem mostrando uma menina com vestes de camponesa caminhando em uma paisagem bucólica, aparentemente à beira de um riacho. Ela segura o que parecem ser flores e vem acompanhada por um cão. Antes mesmo de ler as poesias, as crianças já entravam em contato com elementos ligados ao passado da autora, momento esse que pode ter inspirado muitos de seus versos.



Reprodução fotográfica da capa grená de *Livro das Crianças*, de Zalina Rolim.
Fonte: TOLEDO PIZA (2008, p. 109).

Este cuidado com a imagem da capa demonstra uma clara preocupação com a identificação dos leitores já no primeiro contato com o objeto livro, remetendo à aproximação do destinatário infantil. Assim também aconteceu com a capa dura cartonada da primeira edição de *Poesias Infantis*

(1904 [1916]), apresentando figuras coloridas em processo de litografia. Chama atenção a representação, entre frondosas palmeiras (árvores que podem ser consideradas símbolo da pátria no período entresséculos), de rapazes bem cuidados e com vestimentas elegantes, lembrando mais o semblante de homens que o de crianças.



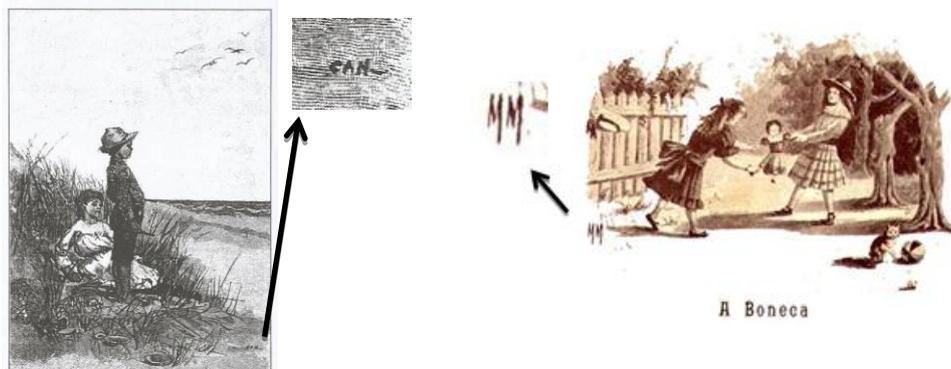
Reprodução fotográfica da capa da primeira edição e da edição de 1916 do livro *Poesias Infantis*, de Olavo Bilac.
Fonte: Acervo digital da biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin - USP; BILAC (1916).

Tal constituição visual ainda contém a presença de livros e o culto à leitura, evidenciando alguns dos valores morais e cívicos vinculados à Primeira República. Isso comprova a distinção relacionada à precocidade da criança no início do século XX. Um detalhe interessante apontado por Hansen (2011) é que os livros *Contos pátrios* (1911) e *A pátria brasileira* (1916) possuem capa idênticas à de *Poesias Infantis* (1916 [1904]), podendo ser compreendidas assim como um meio de propagação de um ideário político ligado à valorização da leitura. A capa da edição fonte de nossa pesquisa, datada de 1916, entretanto, perdeu este arranjo visual em detrimento de um modelo menos significativo, com o título gravado em tecido vermelho, sem qualquer explicação evidente para tal decisão editorial.

Não consta nas obras qualquer referência clara à produção das capas ou gravuras que ilustram os versos, feitas aparentemente através da técnica de entalhe em metal e xilografia de topo, no caso do *Livro das crianças* (1897), e clichê metálico, em relação a *Poesias Infantis* (1916 [1904]). Segundo Costella (2006, p. 45), foi em meados do período oitocentista que a xilografia, principalmente a de topo, passou a ser utilizada no Brasil “[...] para fins de ilustração de livros e periódicos, além da feitura de anúncios e impressos comerciais”. Tanto quanto na Europa, a técnica xilográfica de impressão direta foi depois suplantada pelo clichê metálico durante as primeiras décadas do século XX.

A inexistência de assinaturas demonstra que, mesmo em abrangência, a profissão de ilustrador ainda era desvalorizada no processo de confecção dos impressos na época. Verificamos, contudo,

a presença de iniciais à margem de algumas ilustrações dos dois compêndios, detalhes estes que também apontam para a presença de mais de um ilustrador no livro de Zalina Rolim.



Indicação de iniciais dos possíveis ilustradores de *Livro das Crianças e Poesias Infantis*.

Fonte: ROLIM (1897, p. 2); BILAC (1916, p. 27).

A ilustração “O Rapaz Pescador”, que acompanha o frontispício de *Livro das Crianças* (1897) expõe as iniciais *CAN.* em seu canto inferior esquerdo, além de outras indicações de autoria contidas em outras gravuras, como *L.*, *MEE.* e *AH.* Já em *Poesias Infantis* (1916 [1904]), a maioria das imagens que precedem as poesias vem acompanhada das iniciais *M.M.*

O compêndio da escritora paulista aparentemente recebeu a colaboração do educador João Köpke (1852-1926) em sua elaboração, apresentando uma ilustração para cada uma das trinta poesias divididas em duas partes: “A Sinhô” e “A Minhas Irmãs”. Verificamos inicialmente que os versos são iniciados por vistosas letras capitulares e aparecem sempre na página posterior às ocupadas pelas grandes gravuras, que por sua vez recebem o mesmo título que as composições. O próprio Köpke disserta a respeito da importância destes elementos visuais em um artigo publicado no periódico *O Estado de S. Paulo*, em ocasião anterior ao lançamento da obra:

Quer nesta, quer naquela secção, entretanto, *todas as poesias foram sugeridas por uma gravura, que deverá ilustrar o volume, fronteando cada uma*, de maneira que a objetivação dos sentimentos e ideias expressos no verso preceda a sua leitura e memorização pelas crianças. Tendo ensaiado a declamação por esse processo, o êxito impeliu-nos ao conselho. (KÖPKE, 28 jan. 1896, grifo nosso)

Um aspecto interessante se destaca em tal descrição: uma aparente inversão na construção do impresso, com as imagens podendo constituir uma motivação para os escritos, além da clara

função das ilustrações junto à memorização do conteúdo dos versos. No que diz respeito ao livro de Olavo Bilac, observamos que é composto por cinquenta poesias e quatro fábulas em verso, todos acompanhados na sua maioria por ilustrações que ocupam a parte superior da página, com exceção das referentes às composições das seções “As Estações” e “Os mezes”, apresentando uma proporção maior, chegando a ocupar quase o espaço inteiro da lauda.

Também se faz presente nas duas coletâneas uma série de vinhetas, que seriam pequenas ilustrações de até cerca de um quarto do tamanho da página. Do francês *vignette* (pequena vinha), as vinhetas representavam, na origem, cachos e folhas da videira, símbolo da abundância (CAMARGO, 1995).



Algumas vinhetas que ilustram *Livro das Crianças e Poesias Infantis*.
Fonte: ROLIM (1897, pp. 13; 69); BILAC (1916, pp. 6; 9; 14; 28).

As vinhetas em *Livros das Crianças e Poesias Infantis* (1916 [1904]) se limitam ao papel decorativo, sem relação explícita com os versos que acompanham, o que era bastante comum nas produções literárias europeias que serviam de modelo para as publicações nacionais naquele período. Elas cumprem uma função de pontuação, sinalizando o enlace final das poesias.

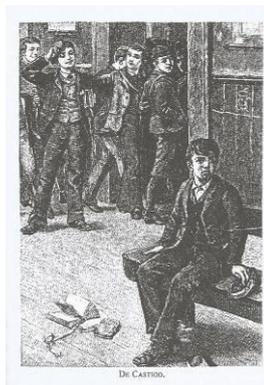
A formação virtuosa através da ilustração

De acordo com Carvalho (1990), a grande massa iletrada, composta em maioria por mulheres, crianças e trabalhadores braçais, seria o principal alvo das mensagens simbólicas durante o período de estabelecimento do regime republicano no Brasil. A escola demonstrou-se um âmbito bastante eficaz para a difusão dos símbolos ligados à Primeira República e ao seu ideário moral, destacando-se aqui a elaboração visual dos livros didáticos.

Segundo Camargo (1999), a significação global de uma imagem abrangeria significados denotativos, referindo-se ao ser que esta representa, e conotativos, referindo-se a associações sugeridas por ela. A análise da ilustração precisa, portanto, focalizar os polos denotativo e conotativo, ou seja, os significados que decorrem não só de o que a imagem representa, mas também de como ela o faz. Este autor

ainda aponta que, além das funções de ornar ou elucidar o texto junto ao qual ela aparece, a ilustração pode ter várias outras funções: representativa, imitando a aparência do referente; descritiva, detalhando essa aparência; narrativa, situando o que é representado em devir, através de transformações ou ações; simbólica, quando sugere significados sobrepostos ao referente; expressiva, revelando sentimentos e valores do produtor da imagem ou ressaltando as emoções e sentimentos do ser representado; estética, enfatizando a forma da mensagem visual; lúdica, quando orientada para o jogo; conativa, visando influenciar o comportamento do destinatário, através de procedimentos persuasivos ou normativos; metalinguística; fática, enfatizando o papel de seu suporte; e de pontuação, sinalizando as partes do texto, nele criando pausas ou destacando alguns de seus elementos (CAMARGO, 1995).

A maioria das ilustrações que constam em *Livros das Crianças* (1897) desempenha as funções descritiva e representativa em relação aos versos, refletindo ou reforçando a mensagem das poesias, imitando ou detalhando as construções imagéticas formadas pela autora.



Ilustrações que acompanham as poesias “Preguiça e Diligência”, “A Primeira Lição” e “De Castigo”.

Fonte: ROLIM (1897, pp. 21; 55; 83).

Coelho (1991) indica o intelectualismo como um dos valores propagados durante o período de consolidação de sistemas. A autora aponta a valorização do estudo e do livro como pontes essenciais para a ascensão econômica através do saber. Nesta perspectiva, Rolim traz tal importância dada ao estudo e ao bom comportamento escolar claramente em diversos momentos de sua obra.

A poesia “A Primeira Lição” conta uma historietta centrada na figura de um menino que descobre a palavra escrita através da irmã mais velha, que desperta a sua curiosidade para a leitura. A gravura que acompanha a composição desempenha, em primeira estância, a

função narrativa, retratando o pequeno Raul tendo o

primeiro contato com o objeto livro através de Ceci que, nos versos, chama sua atenção ao rir do que lia no impresso. Ela aparece com semblante feliz sinalizando o nome do garotinho escrito numa página do impresso, cena que não pertence à narrativa em versos. Já ele, representado com o olhar fixado no livro, demonstra-se interessado em aprender com a irmã. Podemos apontar aqui, junto à função expressiva das emoções das crianças, a função conativa, sugerindo o valor do estudo e das relações familiares. Tal imagem ainda traz os dois personagens em um ambiente pastoril, como no jardim de sua casa, demonstrando o que poderia ser o princípio da ampliação e diversificação do público leitor naquele tempo. Contudo, mesmo com a poesia e a imagem deixando implícita a virtude da devoção à aprendizagem, as ilustrações de *Livro das Crianças* aparentemente ainda circundam algumas limitações à figura feminina e fronteiras às classes sociais abaixo da elite econômica, situação comum ao final do século XIX.

A postura de Ceci delineia o exemplo de virtude esperado ao leitor infante, além de simbolizar o papel da mãe típica do Oitocentos, enquanto mulher responsável pelo cuidado e educação elementar dos rebentos ainda no ambiente doméstico. Resgata-se um movimento paradoxal relacionado à formação das meninas no entresséculos: por um lado, o conhecimento podia promover uma espécie de ruptura com o destino restrito ao casamento, à maternidade e ao lar, por outro, o sistema ressaltava sua ligação com as “obrigações” domésticas que a cercavam desde o nascimento, inclusive na instância profissional, enquanto educadora “por natureza”.

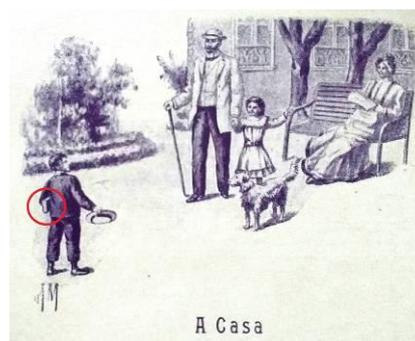
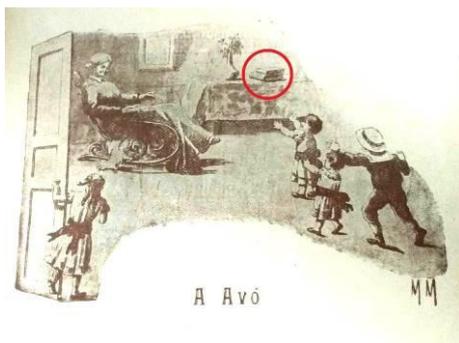
Esta diferenciação de gênero ainda é realçada nas ilustrações através da presença exclusiva de meninos no ambiente da escola, como os estudantes retratados nas gravuras que acompanham “De Castigo” e “Preguiça e Diligência”. Estas composições são pautadas na indicação de que os infantes deveriam crescer tendo plena consciência da importância dos estudos ante as realizações e glórias futuras. Na primeira, a comparação entre a indolência e o empenho na aprendizagem respalda a ideia de que os alunos desleixados não teriam os mesmos louros que os esforçados. O eu-lírico apresenta os meninos Lúcio e Marcelo com comportamentos e atitudes opostas: um tem caráter honesto, é simples e franco, enquanto outro “à voz do mestre nem liga”, não tem amigos, provoca querelas na turma e é sempre o mais desatento às lições. A descrição nos versos da historieta ainda expõe que o pequeno indisciplinado tinha “Carranca sempre fechada, / Cabelos em desalinho / E a roupa desordenada.” (ROLIM, 1897, p. 56), características consoantes à sua representação na

ilustração: Marcelo aparece isolado, de feição raivosa,

sentado de castigo num banco enquanto os colegas estão a entrar na sala de aula, com livros e cadernos embaixo dos braços, enquanto os dele estão jogados no chão, ressaltando o preceito moral evocado por Rolim.

A segunda poesia, por sua vez, também usa o artifício da comparação para tratar da importância do cultivo da inteligência em contraponto aos males da ociosidade. Isto se dá através da figura de Nuno, um menino preguiçoso que pensa em copiar a lição de um companheiro de aula, Mário, que se sente feliz em relação à aprendizagem por esta lhe garantir prêmios e glórias futuras. O contraste entre a ociosidade e a dedicação em sala de aula evidencia a valorização dos estudos para o pequeno leitor. O tom aqui é de conselho junto à compreensão infantil, com a fantasia criada por Nuno servindo de motivação para o disseminar do preceito moral. A imagem ressalta a expressão dos personagens, destacando seu comportamento: enquanto Nuno demonstra preocupação em “colar” do amigo Mário, este aparece aparentemente mais tranquilo e concentrado na lição, sentado em posição séria, com o olhar fixado no material de estudo. Verificamos nas duas gravuras analisadas a presença da função narrativa, contando uma história junto à composição em verso, além da função expressiva coordenada à função conativa, com a composição visual ressaltando a postura, gestos e expressões faciais dos personagens visando influenciar o comportamento do destinatário, corroborando para o papel moralizante do texto verbal.

Já *Poesias Infantis* (1916 [1904]) apresenta ilustrações que desempenham principalmente as funções descritiva e simbólica em relação às composições poéticas, reproduzindo o conteúdo dos versos ou o representando metaforicamente. A ilustração da composição de abertura do livro, “A Avó”, mostra a anciã do título sentada em uma cadeira de balanço, sorridente ao ver os netos correrem em sua direção. Um detalhe chama a atenção: a presença de livros sob a mesa do cenário, apontando sua condição de contadora de histórias evidenciada nos versos e também ressaltando a importância da leitura para o desabrochar do bom comportamento infantil. Ainda verificamos nas ilustrações das poesias “Janeiro” e “A Casa” a recorrência da representação do objeto livro mesmo com os versos não sendo direcionados ao ensino das primeiras letras. Deduz-se que, de forma simbólica, era transmitida ao pequeno leitor a relevância da aprendizagem de acordo com os valores dominantes.



Indicação da presença de livros nas ilustrações que acompanham as poesias “A Avó”, “Janeiro”, “Modestia” e “A Casa”.

Fonte: BILAC (1916, pp. 7; 73; 119; 124).

Todos os meninos que aparecem nas gravuras ostentam os volumes impressos embaixo dos braços, tendo, inclusive, maior ênfase no gosto pela instrução na referente ao mês da volta às aulas: as crianças aparecem felizes, indo em direção a um prédio que provavelmente seria a escola. Em “Modestia”, o forte apelo à leitura e ao ensino das primeiras letras acontece num ambiente religioso, em que há a representação de freiras educando meninas, ainda evidenciando um novo cenário para o ensino feminino além do doméstico: o convento. Além dos livros dispostos na imagem, a composição poética enfatiza o preceito moral ao apontar que “Valem mais que a inteligência / A constancia e a aplicação: / Sê modesto! estuda, applica-te, / E foge da ostentação!” (BILAC, 1916, p. 119).

Na poesia “Deus”, a ilustração tem como referência o espaço da sala de aula, que contém a bancada do professor, o mapa do Brasil, as carteiras dos meninos enfileiradas, com livros ao alcance de todos. Aparentemente é um ambiente bem higienizado, aos modos das escolas tradicionais da época. Através da leitura dos versos entendemos a expressividade nos rostos tanto do professor quanto dos estudantes, com a resposta do aplicado menino Octavio ao seu mestre, que pergunta onde Deus estaria: “Eu senhor mestre, lhe daria tudo, / Se me dissesse onde é que elle não está!” (BILAC, 1916, p. 56)

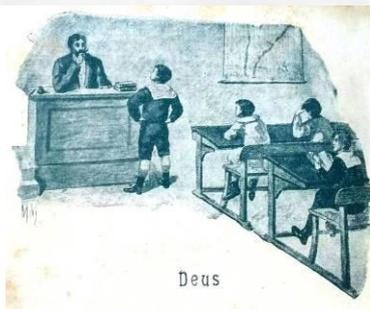


Ilustração que acompanha a poesia “Deus”.
Fonte: BILAC (1916, p. 56).

O elemento visual acaba por salientar o conteúdo dos versos, direcionando a atenção para a valorização dos estudos e a formação da criança. O destaque da criança como figura central tanto nas no texto verbal como nas imagens pode caracterizar o espaço significativo que a infância passou a ocupar no meio social, comprovando sua condição diferenciada na sociedade do entresséculos. Ademais, as gravuras dos dois compêndios muitas vezes parecem agregar às poesias novas perspectivas e significados que alargam o papel educativo da obra, cumprindo também uma função conativa, além de ressaltarem a postura, gestos e expressões faciais de crianças, visando influenciar o comportamento do destinatário, corroborando para o papel moralizante do texto verbal, desempenhando, assim, uma função expressiva.

Conclusão

O estudo do histórico da ilustração é indispensável para uma maior compreensão da relação entre o livro e o pequeno leitor, destacando-se suas características específicas e modificações associadas aos acontecimentos sociais, políticos e econômicos de um determinado período. Podemos dizer que os aspectos visuais, sejam da capa, das ilustrações ou das vinhetas, são essencialmente importantes às publicações voltadas ao público infantil, pois influenciam seu contato físico com determinado título e, conseqüentemente, sua curiosidade ou interesse pela leitura da obra. Em relação à instituição escolar dos últimos anos do século XIX, as imagens davam início ao doutrinamento previsto na construção textual.

Ao estudarmos o papel específico da ilustração para as coletâneas poéticas infantis de Olavo Bilac e Zalina Rolim, percebemos que ela contribui, consideravelmente, para a construção de representações vinculadas à formação virtuosa das crianças prevista naquela época, cumprindo também, à primeira vista, um papel descritivo, representativo e simbólico referente às composições em verso. Ademais, temos a evidente presença das funções conativa

e expressiva, com alguns detalhes gravuras visando

influenciar ou persuadir o comportamento do destinatário de acordo com o que se esperava em sua instrução. A função estética também se faz presente no traço das ilustrações, que também aparentam transmitir um pouco da visão de mundo de quem as produziu.

As ilustrações presentes no volume estariam ligadas a atividades de memorização do conteúdo dos versos, corroborando para o seu propósito pedagógico. Através do detalhamento de alguns aspectos dos escritos, elas evidenciam as intenções da então emergente literatura infantil nacional. Por tratar-se de um recurso não verbal, as grandes gravuras possibilitavam que o livro fosse trabalhado com as crianças que ainda não tinham domínio linguístico.

Em conclusão, deixamos a proposta de novos estudos entendendo as ilustrações dos livros de leitura oitocentistas como parte de um momento político-cultural bastante marcado pela urgência do estabelecimento de uma base virtuosa para a infância no país.

Referências Bibliográficas

- BILAC, O. *Poesias infantis*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.
- CAMARGO, L. *A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil*. Palestra apresentada na Universidade de Karlstad, Suécia, em outubro de 1999. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilport.htm>> Acesso em: 29 jul. 2016.
- _____. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte, MG: Lê, 1995.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARVALHO, J. M. C. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letas, 1990.
- COELHO, N. N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo*. São Paulo: Ática, 1991.
- COSTELLA, A. F. *Introdução à gravura e à sua história*. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2006.
- KÖPKE, J. *A poesia nas escolas (um livro de Zalina Rolim)*. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 28 jan. 1896. Ano XXII, n. 62. p. 1.
- LAJOLO, M. ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.
- HANSEN, P. S. *Autores, editores, leitores: O que os livros cívicos para crianças da Primeira República dizem sobre eles?* São Paulo, v.30, n.2, p. 51-80, ago/dez 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v30n2/a04v30n2.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2016.
- POWERS, A. *Era uma vez uma capa*. Tradução de Otacílio Nunes. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- ROLIM, Z. *Livro das crianças*. Pref. Gabriel Prestes. Boston: C. F. Hammett, 1897. (Série D. Vitalina de Queiroz)
- TOLEDO PIZA, M. A. B. *Zalina Rolim: poetisa e educadora*. Itu, SP: Ottoni, 2008.
- ZILBERMAN, R. *Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.